



Interação de saberes técnicos e populares para a conversão agroecológica da bovinocultura leiteira na região do Contestado em Santa Catarina

Interaction of technical and popular knowledge for the agroecological conversion of dairy cattle in the Contestado region of Santa Catarina

FONTOURA, Simone Bernardes da¹; REMOR, Danielle²; LOUZADA, José Antônio³
¹simonebf08@gmail.com, Discente de Agronomia na Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Rurais, Campus de Curitibanos; ²danielle_remor@hotmail.com, Discente de Agronomia na Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Rurais, Campus de Curitibanos;
³jalouzada@gmail.com, Engenheiro Agrônomo, Mestre em Extensão Rural e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Eixo temático: Manejo de Agroecossistemas de Base Ecológica

Resumo: O objetivo deste estudo foi verificar como a relação entre saberes populares e técnicos contribuíram para o processo de conversão agroecológica, em uma Unidade de Produção Agrícola (UPA) de bovinocultura de leite, no assentamento da região do Contestado em Santa Catarina. A pesquisa foi realizada por discentes e docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus de Curitibanos, no segundo semestre de 2018. O trabalho valeu-se de entrevista semiestruturada com uma família de agricultores assentados, onde os mesmos destacaram sua trajetória, as dificuldades e desafios da produção agroecológica de leite. Dentre os resultados obtidos, destacou-se a interação de saberes técnicos e populares para o processo de conversão agroecológica da produção leiteira. A experiência demonstrou que o conhecimento técnico somou-se ao saber popular, a partir da autonomia da família com o propósito de produzir leite numa propriedade em processo de conversão agroecológica, além de contribuir para suscitar um conhecimento crítico ao ensino acadêmico.

Palavras-Chave: Reforma agrária; Agricultura familiar; Agroecologia; Educação.

Abstract: The objective of this study is to verify how the relationship between popular and technical knowledge contributed to the agroecological conversion in an Agricultural Production Unit (UPA) of milk cattle in a settlement in the Contestado region of Santa Catarina. The research was conducted by students and professor of the Federal University of Santa Catarina (UFSC), Curitibanos Campus, in the second semester of 2018. The work was based on a semi-structured interview with a family of settled farmers, where they highlighted their trajectory, the difficulties and challenges of agroecological milk production. Among the results obtained, we highlight the interaction of technical and popular knowledge for the process of agroecological conversion of dairy production. Experience has shown that technical knowledge has been added to popular knowledge, based on family autonomy with the purpose of producing milk on a property undergoing agroecological conversion, as well as contributing to raise critical knowledge for academic teaching.

Keywords: Land reform; Family farming; Agroecology; Education.

Contexto



O processo de sistematizar uma experiência é um mecanismo que permite olhar criticamente para a experiência vivida. Os resultados das experiências, quando divididos, causam inspirações para outras comunidades ou instituições (HOLLIDAY, 2009). Baseado nestas concepções foi observado um potencial de aprendizado recíproco entre agricultores e o ambiente acadêmico, no âmbito da disciplina de Agricultura Familiar ministrada junto aos cursos de Agronomia e Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus de Curitibanos, durante o segundo semestre de 2018. A pesquisa foi realizada na região do Contestado, especificamente, no assentamento 1º de Maio, interior do município de Curitibanos, no Meio Oeste do estado de Santa Catarina, que possui 24 famílias. Dentro desse universo de famílias, optou-se pela análise de uma Unidade de Produção Agrícola (UPA) voltada à criação de gado leiteiro a partir de um manejo agroecológico. Desta forma, o objetivo deste estudo foi verificar como a relação entre saberes populares e técnicos contribuíram para a conversão agroecológica em uma UPA de bovinocultura de leite.

Descrição da Experiência

A pesquisa foi realizada a partir de uma visita à família agricultora, no dia 12 de outubro de 2018, e optou-se pelo método de entrevista semiestruturada, com o objetivo de compreender o processo de produção em sua totalidade. A escolha desta propriedade deu-se a partir de um contato prévio estabelecido entre os agricultores e os autores deste trabalho, ou seja, visitas anteriores ocorridas na UPA e também na feira local, onde os mesmos comercializam seus produtos. Por meio da entrevista ocorreu um diálogo interativo entre os diferentes atores, onde a família relatou a sua experiência de produção, seu contexto histórico e cultural, dentre outros aspectos de caracterização da unidade produtiva (Figuras 01 e 02).

Segundo Freire (1987) é necessário revolucionar a educação bancária, em que os discentes são meros expectadores de um saber que é repassado por um professor que detém o conhecimento. Neste sentido, se faz necessário avançar para uma educação libertadora, onde os educandos possam refletir criticamente sobre o que aprendem, a partir de suas realidades, para que também possam transformá-la, desta forma, vislumbrou esta pesquisa, no momento, em que os estudantes pudessem conhecer, refletir e aprender sobre a realidade de experiências que os circundam e que possam contribuir ao conhecimento agroecológico.

Resultados e Discussão

A família entrevistada relatou que sua luta pela terra começou em meados do ano de 1990, quando famílias de agricultores saíram do Rio Grande do Sul (RS) e foram rumo à Santa Catarina, em busca de um “pedaço de terra” para cultivar seus alimentos e fugir da cidade, que na época não proporcionava segurança e emprego.

A terra era vista como uma oportunidade de subsistência e também um local de oportunidade de trabalho para as famílias. O acesso à terra por essa família só foi



possível porque ocorreu um processo de efervescência da luta pela terra no norte do Rio Grande do Sul (RS), em meados da década de 1980, a partir da ocupação de latifúndios improdutivos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).



Figuras 01 e 02. Unidade de produção de leite agroecológico em Curitibanos/SC. Fonte: GIROTTO, R. L. (2019).

Após a conquista pela terra em 1997, a família relatou que a área “cedida”, em forma de concessão de uso, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), não apresentava nenhuma instalação de água, energia elétrica e tampouco estradas, sendo esses os principais desafios para o desenvolvimento do assentamento. Nas palavras do agricultor entrevistado, a terra era “magra”, ou seja, sem vida, desgastada devido ao desmatamento de araucárias, e aquelas que resistiram, conferem características únicas à região do Contestado.

Por esse motivo, o agricultor e sua família, em conjunto com outras famílias, decidiram buscar tecnologias alternativas com o objetivo de reduzir a penosidade dos trabalhos que demandavam maior emprego de força de trabalho. Portanto, ocorreu a união das famílias do assentamento para recuperar o pasto e o solo degradado em suas Unidades de Produção Agrícola (UPAs), sendo que isso só ocorreu após a liberação dos primeiros recursos da reforma agrária, que também disponibilizou assistência técnica para auxiliar no planejamento das atividades. Contudo, fica explícito ao agricultor o protagonismo das famílias a partir da troca de saberes recíproco, trazendo novos valores à coletividade: *“A evolução ocorre quando os agricultores são os executores, trocando conhecimento uns com os outros, construindo seus valores”* (Assentado 01). Nessa passagem, além da discussão da construção de aprendizados entre os agricultores também se abre a janela de oportunidade de aprendizados por parte da academia, a partir da vivência com essa experiência e outras semelhantes a essa.

Dentre as primeiras técnicas adotadas pelas famílias no assentamento, uma delas foi o cultivo em plantio direto, que proporcionou melhor desenvolvimento das culturas às quais foram essenciais à subsistência das famílias. Desse modo, deu-se



início o cultivo de feijão, mandioca, milho, pimentão e alho, ao mesmo tempo em que idealizavam a produção de leite. Em paralelo as técnicas de plantio e cultivo, os produtores realizavam a recuperação do campo nativo. O assentado entrevistado contou que, após liberação dos créditos do INCRA, algumas famílias compraram calcário, vacas e outros insumos e assim, o assentamento deu início à produção leiteira convencional. Após um período de cinco anos no assentamento, ou seja, em 2002, dez famílias concretizaram o início da produção de bovinocultura de leite que idealizaram, sendo que no mesmo período foram beneficiados, via política pública, pela implantação da luz elétrica no assentamento. Assim, a produção leiteira ocorreu após a produção de cultivos que garantiram a subsistência das famílias e ainda destaca-se a necessidade de investimento de capital financeiro por parte do Estado.

Nesse novo contexto, o agricultor relatou que tiveram grandes dificuldades para as famílias permanecerem na atividade leiteira, e que passaram por uma transformação no modo como se organizavam em suas relações. Essas alterações vieram com o planejamento e a transição de estilo de produção do leite convencional ao leite agroecológico. Essa transformação foi, em um primeiro momento, em função das dificuldades de manter um sistema convencional de leite com um alto custo inviável aos produtores. Para tal mudança, foi necessário aperfeiçoamento por parte dos agricultores através de cursos ofertados pela Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), tanto pela empresa estatal, a Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), quanto pela Cooperativa de Trabalho e Extensão Rural Terra Viva (COOPTRASC), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), e ainda capacitações junto ao Centro Vianei de Formação Popular. Desse modo, o estilo de produção começou a ser modificado, no momento em que a família realizou cursos na área de gado leiteiro, melhoramento do pasto, inseminação artificial (para melhorar a genética do rebanho), homeopatia, além de técnicas de aplicação de Reiki em animais. A família assentada destacou a falta de assistência técnica especializada para o manejo agroecológico dos animais, sendo esse um dos gargalos para avanços nesse tipo de produção. Percebe-se nesse processo a necessidade de profissionais técnicos capacitados, que consigam assessorar sistemas de produção agroecológicos, ao mesmo tempo em quem são restritos os centros de ensino que se dedicam a essa questão. Diante destas dificuldades, a família agricultora buscou aprendizados fora do assentamento, realizando desde intercâmbios com assentamentos de outros municípios, bem como cursos ministrados pela ATER e assim passou a manejar a produção agroecologicamente. Dentre os produtos e manejos, a família adotou o uso de extratos e óleos de alho, cravo da Índia, alecrim e óleo de nim (*Azadirachta indica*), utilizados tanto nas plantas como nos animais, para o controle de carrapatos e parasitas. A alimentação fornecida aos animais consistia, conforme o período do ano, em pastagens frescas e secas (gramíneas e leguminosas) e silagem de milho ou silagem de milho e abóbora, ambos com manejo orgânico. Portanto, a nutrição dos animais foi endógena a UPA e além das pastagens e silagem também se forneceu aos animais os excedentes do autoconsumo e comercialização, produzidos organicamente, como as plantas de barraços, raízes e tubérculos e hortaliças. Portanto, a partir da adoção dessas técnicas e produtos, os avanços na produção agroecológica são perceptíveis



na fala do agricultor: *“Fomos assim, aos poucos, construindo uma linha de leite da reforma agrária, e enfim conseguimos com muito esforço um contrato com a agroindústria de laticínios”* (Assentado 01). Por outro lado, apresenta-se uma aparente dicotomia nesse processo, pois ao mesmo tempo em que os produtores conquistaram um mercado, também ficaram subordinados a agroindústria, a qual se apresenta fora da gestão das famílias. Contudo, a conquista da linha do leite deve ser valorizada, pois foi fruto de todo um caminho de aprendizados e conquistas que se somaram ao longo da experiência dos agricultores.

A partir da experiência e dos conhecimentos que foram construídos com a produção de leite agroecológico os produtores identificaram as principais deficiências, as potencialidades e as medidas que poderiam ser implantadas para que houvesse avanços significativos na sua produção. Nesse contexto, os produtores organizaram-se ao ponto de formarem sua própria cooperativa: *“Aos poucos fomos montando nossa identidade de produtores e com muita luta montamos uma cooperativa. [...] isso foi muito importante para que o assentamento fosse reconhecido com uma unidade produtora de leite”* (Assentado 01). Portanto, ao realizarem uma reflexão para procurar compreender a cadeia produtiva leiteira em sua totalidade, os agricultores foram aperfeiçoando sua produção de modo a se tornar competitiva frente ao mercado dominado por grandes empresas do setor agroindustrial. Novamente, os produtores demonstraram que a partir de suas práticas e vivências deram conta de lidar com situações complexas para criarem espaços autônomos de produção de leite agroecológico. E ainda, podem contribuir com essas experiências com o processo de ensino-aprendizagem ao público acadêmico em uma demonstração de que *“não há saber mais nem saber menos, há saberes diferentes”* (FREIRE, 1987, p. 68).

Conclusão

Essa experiência demonstra que o caminho do aprendizado para a produção agroecológica é feito através de “muitas mãos”, em especial, das famílias agricultoras. Torna-se urgente a troca de aprendizados entre saberes populares e técnicos para que se evoluam as experiências agroecológicas. Contudo, também é necessário o planejamento e a criação de iniciativas que possam proporcionar a inserção dos agricultores para que eles possam contribuir para uma educação libertadora, nas universidades e centros de ensino.

Referências bibliográficas

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**; tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2009.